

Uma canção sobre o fim último das coisas

Pepê Mattos

O prefeito decretou a derrubada da velha samaumeira.
Homens com seus machados, máquinas com pás gigantes,
repórteres com suas equipes:
todos esperavam pôr abaixo tão incômodo empecilho do progresso.

A população vizinha da árvore imponente
ensaíou um protesto e emocionada fechou-a em um abraço.
Uma mãe de santo trouxe oferendas e cantorias.
Crianças chorando se agarravam às saias das mães.

Enquanto o prefeito, indiferente, discursava,
os homens afiavam seus reluzentes machados,
máquinas rugiam feito monstros famintos,
jornalistas buscavam o melhor ângulo.

Ainda que os circunvizinhos da bela árvore
permanecessem em seu abraço circundando-a
e a transida mãe-de-santo evocasse seus orixás
nada parecia amolecer o coração do Poder.

Não se levava em conta o valor da sombra benfazeja,
o doce aconchegar dos pássaros em seus galhos,
o mais puro ar que dela exalava,

nem a inegável contribuição à vida no planeta.

Apenas sobressaía das palavras do Poder
o atraso no desenvolvimento arquitetônico da cidade
e os empregos que deixavam de existir com as obras
do mais belo centro comercial já visto naquelas plagas.
Foi quando a noite já quase descia cobrindo tão dantesca cena, que a chuva começou a cair
impiedosamente;
prefeito, homens, jornalistas deixaram seus discursos,
machados, máquinas e equipamentos de filmagem.

Contudo, resistentes, feito hera que se apegava ao muro
os cidadãos continuaram abraçados à samaumeira.
Raios riscavam os céus na direção dos homens
que a queriam no chão, lenha pra fogueira.

Na noite que se seguiu fortes ventanias
derrubaram árvores, postes de luz elétrica,
alguns prédios públicos e casas da atônita comunidade
e o desespero fez morada na alma do povo.

Na manhã seguinte, o prefeito baixou novo decreto
declarando de utilidade pública e patrimônio cultural
a inexpugnável samaumeira, cujo valor inestimável
a natureza e o amor desses cidadãos o fizeram ver.

Era um gesto tardio e desesperado:
somente a samaumeira foi poupada da fúria da natureza.

Prefeito, funcionários, jornalistas e os bravos cidadãos
passaram a se abrigar debaixo dos venturosos galhos da velha árvore até que toda a
cidade fosse reconstruída.

Todos que passam naquela Praça da Samaumeira
dedicam um momento de seu tempo para reverenciá-la;
Sabem, que um dia, a cobiça pelo progresso desmedido
quase destruía a bela e sábia árvore junto com toda a pequena cidade.

Do alto de sua imponente e ensolarada copa
o sol dispara raios de luz, feito bênçãos dos céus caídas.
sobre homens que num repente de insanidade e desamor
sonharam em pôr abaixo tão relevante obra da natureza.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/uma-cancao-sobre-o-fim-ultimo-das-coisas>